

GLÁDSTONE CHAVES DE MELO E O NOSSO INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Evanildo Bechara

Entre os bons frutos hauridos por mim quando convidado para participar da patriótica e cultural campanha em prol da Língua Portuguesa promovida pelo Liceu Literário Português está, sem dúvida nenhuma, o de estreitar os laços de respeito e amizade ao saudoso Gladstone Chaves de Melo.

Éramos, nessa empresa inicial, seis ao todo: Sílvio Elia, Gladstone, Maximiano de Carvalho e Silva, Antônio Basílio Rodrigues, Nilza Campelo e eu. Com Sílvio já vinha convivendo desde largo tempo, nas lides universitárias na PUC de Petrópolis, e, mesmo antes, nos encontros da Academia Brasileira de Filologia e na Livraria Acadêmica. Com Maximiano, ilustre representante da minha geração, o convívio era menos intenso, mas relativamente constante. Antônio Basílio fora meu excelente aluno na UERJ e depois estimado colega na mesma instituição. Só de Gladstone mantinha uma distância maior, porque, embora ambos professores na Universidade Federal Fluminense, eu não pertencia diretamente ao grupo dos alunos do “Professor Sousa”; mas indiretamente o era pelos seus livros e pelas relações desse inolvidável estudioso com meu dileto mestre Said Ali, de quem fora discípulo nos áureos tempos do Colégio Pedro II, chamado, àquela quadra, por imposição dos republicanos, Ginásio Nacional. Encontrávamo-nos, falávamo-nos, mas sempre com a discrição daqueles que bebem da água do mesmo rio, mas em margens diferentes.

A instalação do Instituto de Língua Portuguesa, sob a batuta magistral de Sílvio Elia e sob a competente administração do Dr. Antônio Gomes da Costa, me permitiu um mergulho mais profundo nos valores do homem fiel e do pesquisador honesto, às vezes intransigente às ondas novidadeiras das manifestações que cercam a vida em todos os seus quadrantes. Aprendi a apreciar-lhe as qualidades morais e a sua competência de filólogo. Apesar de sua erudição em tantos domínios culturais, nunca largou aquele ar mineiro de quem está aparentemente distante dos homens e das coisas, mas secundado, quando falava, de profundo senso crítico e de uma causticante *verve*.

Estudou toda a vida, mesmo diante de alguns dissabores que poderiam afastá-lo de sua religião, de sua filosofia e das pesquisas de filologia e gramática.

Com o desaparecimento de sua esposa D. Cordélia, nosso Gladstone foi aos poucos perdendo o gosto de viver. Mesmo assim, estava sempre atento ao que dele poderia precisar o Instituto de Língua Portuguesa. Deixaram saudades entre seus alunos os cursos que aí ministrou de latim, de língua portuguesa e de autores clássicos brasileiros e portugueses. Deixou-nos um rico elenco de livros, nos diversos campos da nossa ciência, dos quais ressalto, como exemplo de arquitetura inteiriça e bem travada, sua *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*.

Dono de boa prosa, gostava de freqüentar seus colegas no Instituto de Língua Portuguesa e na Academia Brasileira de Filologia.

Com seu falecimento, desaparece um dos últimos baluartes do estudo e do ensino do português padrão entre nós, cuja competência e experiência soube ele tão bem transmitir a todos os que, ao seu lado, labutamos para a consecução dos altos propósitos do nosso Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português.

Depois desse longo percurso que foi a vida vivida intensamente de Gladstone Chaves de Melo ele pode repetir o que disse Bandeira, “quando a Indesejada das gentes chegar”:

*O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios).
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.*